

**BARIRI: A MILIONÁRIA DO VALE DO SÉCULO XX E SEU
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO**

Ana Clara Frasson¹

¹Graduanda do 3^a ano de História da Universidade do Sagrado Coração, artigo científico realizado para as disciplinas de História do Brasil IV e História Contemporânea II, realizado sobre a orientação da Dra. Lourdes Madalena Gazarine Conde Feitosa e Prof. M.e Roger Marcelo Martins Gomes

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo fazer com que o leitor compreenda a história tão rica de Bariri, no século XX, momento áureo da produção de café e demais atividades econômicas que impulsionaram o desenvolvimento da cidade. Para compreender este período foi preciso realizar pesquisa em livros de escritores da cidade, entrevistas com pessoas que são verdadeiros apaixonados pelo tema e que, de alguma forma, seja pelos pais, ou por conhecer alguém muito próximo ao café, acaba sendo uma pessoa com notório saber desde período da cidade de Bariri, no século XX. Os resultados alcançados durante esta pesquisa foram de grande importância para a escrita da mesma, pois os relatos históricos sobre a cidade e o apoio para a escrita deste artigo mostram o quanto os baririenses amam esta cidade e o quanto gostariam que a sua história fosse valorizada. Os períodos dos anos de 1920, 1930, 1940 e 1950 relatam como se desenvolveu a economia nesta cidade, através do comércio, indústrias que foram se instalando na cidade com o passar das décadas e muito mais.

Palavras-chave: Café. Bariri. Ferrovia.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como questão proposta a análise do período de 1920 a 1930, principalmente no que se refere à história agrícola do café, além de contextualizar traçando como uma linha do tempo, a história econômica da cidade de Bariri.

Analisando os dez anos de sucesso agrícola neste período, poderemos destacar diversas características do século XX, o início da constituição de uma cidade que primeiramente denomina-se “Sapé”, até ganhar sua denominação atual de Bariri.

Dentre as fontes utilizadas para a confecção deste artigo, um livro denominado “A Primeira Viagem” de Geraldo Pinheiro, uma crônica biográfica, retrata com clareza o período de 1920-1930, retratando a vida do pai do autor, que fora um dos mais ricos cafeicultores da cidade de Bariri, que como muitos quebram junto à Crise de 29, com a Quebra da Bolsa de Valores em Nova York (1929).

Destaca-se também a importância da estação de ferro para a produção de café na cidade, sendo a Douradense, Companhia de Estradas de Ferro de Dourados, no qual foi implantado o primeiro ramal no ano de 1910, com o objetivo de transportar toda a colheita dos grãos, evitando o transporte por carroças, para ser embarcada em Jaú.

Afim de uma busca mais precisa sobre o café em Bariri no início do século XX, fez-se necessário a análise minuciosa de periódicos da época, a dita imprensa de Bariri, neste contexto apelidado como a “Milionária do Vale”. Tais arquivos mostram de que forma o café era visto, as propagandas, a diversidade de jornais que a cidade tinha, comparando a

atualidade, onde temos apenas um, semanal, o “Jornal Candeia”. Além de alguns periódicos cedidos como fontes para a escrita deste artigo, encontram-se presentes neles a questão do imposto sobre o café, a relação de contribuintes, venda e compradores que anunciavam nos jornais.

Por sempre ouvir a denominação “Bariri- a Milionária do Vale”, sempre tive a intenção de um dia colocar esta dúvida em pesquisa, vendo a oportunidade da escrita deste artigo acadêmico, considerei o tema curioso e cabível de estudos e análise, sendo Bariri hoje considerada por muitos dos quais conversei e entrevistei, uma “cidade sem história”, justificando-se de termos na cidade poucos livros escritos até o presente momento, sendo no total apenas seis, escritos por autores baririenses, apaixonados pela cidade e sua história, valendo ressaltar que foram utilizados como fontes para a construção deste artigo. Além de pouquíssimas fontes de pesquisa e dados históricos disponíveis para os cidadãos baririenses sobre a origem de sua cidade, a falta de cultura local é outra questão a ser amplamente discutida.

Para suprir tais interrogações pessoais como cidadã baririense foi utilizados periódicos como fonte primária para análise, assim como a fonte oral, relatos de cidadãos que possuem notório saber sobre a cafeicultura baririense, assim como a análise de livros históricos sobre a fundação da cidade e leitura de artigos sobre a cafeicultura no oeste paulista.

Porém, é importante ressaltar a falta de fontes principalmente a respeito da Indústria de Óleos Vegetais Resegue, que dificultou muito a escrita do presente artigo.

DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE BARIRI DE 1920 E 1930

Segundo Nelson Silveira Martins, em seu livro “Bariri (um pedaço do céu destacado no arco-íris), no ano de 1920 havia 23.830 habitantes residindo na cidade de Bariri”. Sendo 7.910 homens e 7.444 mulheres, 3.998 estrangeiros.

A grande maioria desta população residente na “Milionária do Vale” vinha em busca de crescimento econômico, já visto que Bariri se desenvolvia muito rapidamente comparando com outras cidades vizinhas do interior paulista.

O café começou a ser cultivado em Bariri desde 1846, passando posteriormente a ser o principal produto agrícola da cidade. A data que se tem até os dias de hoje a respeito do primeiro cafezal é de 1879 nas terras do Capitão José Prudente de Melo, em sua fazenda Monte Alegre (MARTINS, 1940), onde hoje situa-se a Indústria de Açúcar e Álcool D.C.BIO.

A expansão cafeeira ocorre com a chegada da ferrovia á Bariri, no ano de 1910, juntamente com a vinda de imigrantes italianos para suprir a demanda da falta de mão de obra na área cafeeira. Neste período a cidade já contava com cerca de 350 propriedades agrícolas, sendo que no ano de 1927 totalizavam-se 1.010 propriedades agrícolas, com aproximadamente 20 milhões de pés de café plantados em terras baririenses.

A IMPRENSA

A primeira imprensa foi fundada em Bariri em 11 de setembro de 1898, com o surgimento de “Campeão”, seguido de inúmeros jornais, dos quais destacamos “Município de Bariri”, de 1899 a 1907, “O Bariri”, de 1905 a 1911, a “Renascença” de 1910 a 1913, o “Popular”, a “Comarca”, o “Comércio”, a “Cidade de Bariri”, a “Gazeta de Bariri”, a “Folha de Bariri” e o “Correio de Notícias”.

Mediante pesquisas feitas na cidade, encontrei um cidadão baririense apaixonado pela história de sua cidade, o nosso querido Sr. Cavinha, o qual me mostrou alguns de seus exemplares cuidadosamente guardados, com muito carinho, deste período histórico de nossa cidade. Dentre eles estavam alguns citados na obra de Nelson Silveira Martins, como o “Comarca de Bariry” do ano de 1911, o mais antigo de sua coleção, e “A Cidade de Bariry” do ano de 1917, completando seu centenário neste ano de 2017. Outro exemplar encontrado em minha pesquisa fora “O Popular” do ano de 1914.

Nestes periódicos, pode-se observar a presença de muitos anúncios de compra e venda do café, além de venda de implementos agrícolas, como é o caso da máquina de beneficiar o café, e um grande número de listas com os nomes dos cafeicultores baririenses que compravam café.

A imprensa da época é marcada por ser sempre de fácil acesso à leitura, pois a cidade eram composta de muitos habitantes rurais que possuíam pouca instrução, abrangendo assim um alvo de leitores desde os pouco escolarizados, até os mais letrados.

O que chama atenção nestes periódicos é o fato do Ciclo de Ouro do café na cidade, período de plena expansão econômica, pois todas as suas publicações são voltadas para o café de certa forma, incluindo desde anúncios, como citado anteriormente, até o preço da compra e venda do café. Há presença de histórias escritas por escritores baririenses, que retratam bem o cotidiano do início do século XX, nesta cidade.

A ESTRADA DE FERRO

A luta para a implantação da estrada de ferro no município iniciou-se desde os anos de 1900, quando a Edilidade Baririense fez uma apresentação à Companhia de Ferro de Dourados, com objetivo de prolongar suas linhas até Bariri. Neste contexto, Bariri contava com um total de 5.650.000 pés de café, com safra avaliada em 400.000 arrobas de 15 quilos, que precisavam ser escoadas, evitando o transporte por carroças, para serem embarcadas em Jaú.

De acordo com escritos do escritor baririense Elísio Francisco Zanotti, a estrada de ferro chega à Bariri no ano de 1910, com a Companhia de estradas de Ferro Douradense, que veio à contribuir para a expansão do cultivo do café no município e na sua região.

As duas primeiras décadas do século foram anos de muito progresso para Bariri, iniciando-se aqui um maior desenvolvimento de sua vida social. Conforme pesquisas, encontram-se registros a respeito da compra da Douradense pela Cia. Paulista de Estradas de Ferro, que trouxe melhorias em seus serviços, com vistas em uma nova ampliação, alargando-se seus trilhos, igualando todas as suas bitolas.

Da chegada da estrada de ferro a Bariri, sabe-se que sua inauguração fora um dia inesquecível para a história baririense, pois houve um grande festejo em comemoração a vinda da estrada ferroviária, contando com a presença de militares, do povo baririense e de habitantes da região vizinha, todos a espera da chegada do primeiro trem da Companhia Douradense. Este fato ocorreu no dia 24 de setembro de 1910, completando dez anos de lutas para a implantação de linhas férreas nesta cidade, com vistas numa melhor forma de transporte principalmente para o principal produto agrícola do período: o café. (MELLO, 2009).

Com o estabelecimento da estrada de ferro Douradense e a conseqüente incorporação do município de Bariri à malha ferroviária paulista, ocorreu o esperado e planejado crescimento da produção do café, que trouxe, em seu bojo, o crescimento populacional,

principalmente com a vinda dos trabalhadores imigrantes. Tempos de euforia, crescimento e confiança no futuro (MAZOTI, 1990).

CRISE DE 29 E O CAFÉ EM BARIRI

Conforme Zanotti (1988), a crise não deve ser vista como um fato que atingiu em todos os níveis da cafeicultura. O que houve foi uma recessão na produção agrícola tamanha ao ponto de os grandes produtores de café, tentarem substituí-lo pelo algodão. Porém, o café continuou a ser, mesmo em período de recessão, o principal produto da economia baririense.

A crise abalou a cafeicultura como um todo, fazendo com que perdesse muito da sua força, como produto nacional. (ZANOTTI, 1988). Por mais que a crise desestabilizou a produção cafeeira, tanto em Bariri quanto no estado e no país, a produção cafeeira não perdeu de todo seu papel de motor da economia do município. Sofreu com o revezamento de culturas, como foi o caso da tentativa de troca do café pelo algodão, mas mesmo assim a produção cafeeira ainda era a maior geradora de vagas de emprego para Bariri.

O autor baririense Elísio F. Zanotti traz em sua obra, dados numéricos em relação a economia do período, que nos ajudam a contextualização do café no início do século XX:

As culturas intercaladas aos cafeeiros chegavam a 2.277 alqueires em 1937. Os cafeeiros cortados e abandonados, 378.369; e eliminados, 109.100 pés. Mantinham-se produzindo ainda 13.201.930 pés numa área de 6.867,75 alqueires, com uma safra estimada em 540.889 arrobos, no final da década de 30. Os preços, porém, eram desanimadores, o que levou alguns a atitude desesperada de se eliminar os cafeeiros, substituindo-os por outras culturas, principalmente o algodão e as pastagens. A maioria dos fazendeiros aguardava uma certa apatia a elevação dos preços. (ZANOTTI, 1988. p.106).

Ao contextualizar o período da crise de 1929, o livro “A primeira Viagem”, de Geraldo Pinheiro, autor baririense, que viveu no período abordado, traz em sua obra as suas memórias daquele tempo, pois seu pai por ser considerado por ele mesmo retrata “um dos homens mais ricos de Bariri” (PINHEIRO, 2009) por ser dono da maior fazenda baririense produtora de café, a Fazenda Queixada, sendo esta também a que mais pagou impostos.

Em uma de suas variadas memórias contidas nesta crônica biográfica de Geraldo Pinheiro, uma de suas citações ficou muito famosa dentre os leitores apaixonados por história regional/local, é essa que cito uma citação feita com tamanha emoção e descrição pelo autor que chega a comover o seu leitor.

Mas uma noite, sem rádio, sem jornal, nosso Pedro ia cedo para a cama. Bebeu o resto do café frio do bule, deitou-se rico e de alma leve. No dia seguinte acordou, de alma leve e pobre. As importações foram canceladas, navios parados nos portos, armazéns até o teto de sacas de “Café do Brasil”. Era o negro 29 de outubro de 1929 e que durante 9 anos, apelidado de Grande Depressão iria até o início da 2ª Guerra Mundial-1938. (PINHEIRO, 2009).

Pedro, personagem citado no excerto acima, é o pai do autor Pedro Pinheiro, personagem do século XX, baririense muito rico, detentor de grande parte das terras da cidade, grande produtor de café, o maior de todos, com safras anuais sempre altíssimas, e uma curiosidade a ser citada de Pedro Pinheiro: o primeiro automóvel de Bariri foi ele quem adquiriu. Porém, mesmo com tamanho sucesso agrícola faliu durante a crise de 1929, e é essa crise que Pinheiro trás em sua obra.

Com a desestabilidade do preço do café, importações canceladas e uma superprodução agrícola do produto, os armazéns ficaram abarrotados de sacas de café, “até o teto”, como o autor retrata, sendo que muitas vezes não chegavam a ser importados.

O 24 de outubro de 1929 destacado pelo autor é um dia histórico, todos, pois ficaram abalados com o grande Crack da Bolsa de New York, que por quatro anos essa crise refletiu no mundo todo, desde bancos e indústrias, alastrando-se de modo alarmante o desemprego. Como consequência da quebra da Bolsa de Nova York, o preço do café caiu significativamente, atingindo o Brasil em cheio, e nossa cidade, que recebe o impacto com duas falências que geram prejuízos a Bariri, de 32 mil contos de réis, sendo este quase todo o dinheiro da cidade, seguido pela falência de Elias Sabbag. (GATTO NETTO, 1993).

DÉCADAS DE 30

Bariri, na década de 30, ainda sofria com a crise de 29, com a queda dos preços do café; mas o município reagia bem à situação e na região era ainda a cidade que apresentava alguma vitalidade.

Em âmbito político, em alta pela revolução, agitava a cidade, que em pouco tempo, tiveram como prefeitos municipais Antonio Augusto Pacheco e Pedro Regina Sobrinho. Tentando harmonizar esta situação João Alberto Lins de Barros, interventor federal nomeado pelo estado, designa para prefeito do município o tenente Manoel Olegário da Costa, oficial da Força Pública. Este prefeito designado pelo interventor do Estado conquista a todos com a sua retidão de caráter e firmeza em suas atitudes, através de sua família, que logo soube integrar-se à cidade. Foi um prefeito que primou pela defesa do bem público, em sua ação administrativa, construiu um novo prédio para a Prefeitura, o qual temos até hoje, em substituição do antigo prédio, o qual hoje funciona o Setor de Educação da cidade. Trouxe benefícios para o setor de fornecimento de água e deu um aspecto melhor para a cidade, sendo assim considerado até os dias de hoje, um prefeito de muito apressado e respeito.

Manoel Olegário da Costa permaneceu como prefeito até outubro de 1933 e, ao se retirar, foi homenageado com uma medalha de “honra ao mérito”, como fonte de um baixo assinado que obteve 112 assinaturas a favor deste mérito. (GATTO NETTO, 1993).

Desta forma, a década de 30 abriu para Bariri um novo tempo. A revolução de 1930 marcava o fim dos governos café com leite, abrindo o país para o povo, num período muito difícil para nossa história econômica, que ainda sofriam com os efeitos da crise dos anos de 1929-1930 aos produtores de café.

A IMIGRAÇÃO CHEGA À BARIRI

Entre os anos de 1827 e 1936, o estado de São Paulo absorveu cerca de 2.900.000 trabalhadores imigrantes. Com o preço demasiado alto, em virtude da escassez da mão de obra escrava, intimidada pelas leis que restringiam a aplicação do trabalho escravo, os fazendeiros se viam numa situação difícil, tendo que procurar soluções para suprir a demanda em suas fazendas (SITE: Município de Bariri, 2017).

A importação de mão de obra estrangeira em regime de colonato se mostrou viável num primeiro momento. Os atritos nascidos entre patrões empregados, essa relação de eterno antagonismo, se tornou uma constante. Era de certa forma de se esperar, pois os fazendeiros estavam acostumados a lidar com gente totalmente submissa e os colonos, vindos do velho mundo, eram mais conscientes de seus direitos. Assim era raro o imigrante que permanecia na mesma fazenda durante muito tempo, o que provocava aborrecimentos e contrariedades aos

fazendeiros, que não podiam contar com a mão de obra fixa, confiável e de certa forma estável dentro de sua propriedade (ZANOTTI, 1988).

A expansão industrial da cidade de Bariri, desde o início do século, vinha crescendo de maneira significativa, e de forma mais operosa com a vinda dos imigrantes, em sua esmagadora maioria italianos, que se estabeleceram em Bariri. Vindos de uma região (mergulhada no caos naquele momento) da Europa, entusiasmados e ávidos por trabalhar, procuravam se expandir pelos diversos ramos de atividade que antes exerciam em sua pátria natal (MELLO, 1987).

Com a implantação dos trilhos da Companhia Douradense em Bariri, em 1910, tem-se um novo ciclo na história da imigração em Bariri. Vindos da hospedaria dos Imigrantes em São Paulo, as primeiras levas de imigrantes chegavam à cidade. Segundo dados fornecidos pelo Serviço de Imigração e Colonização, entre 1911 e 1939, foram encaminhados a Bariri 5369 imigrantes. O período de maior entrada destes homens e mulheres no país coincide com a 1ª Guerra Mundial, de 1914 à 1917, quando a grande parte dos imigrantes era de origem europeia (ZANOTTI, 1988).

Em números oficiais, a colônia italiana se destacou pela quantidade de imigrantes que se estabeleceram na área urbana e no campo, porém, não se pode falar de imigração em Bariri sem falar da colônia síria, com seu significativo papel no desenvolvimento urbano a partir do comércio local (ZANOTTI, 1988).

A participação dos italianos na produção do café foi de indiscutível importância. Em 1934, cerca de 5 milhões de pés de café estavam plantados em suas propriedades (ZANOTTI, 1988).

A INDÚSTRIALIZAÇÃO BARIRIENSE: A INDÚSTRIA DE ÓLEOS VEGETAIS A RESEGUE

A Indústria Resegue de Óleos Vegetais foi fundada em 1947 na cidade de Bariri. A sua criação trouxe aos agricultores da região uma possibilidade de diversificarem sua produção, que era restrita até então ao café (produto que nesse momento já não era tão rentável quanto outrora, graças à quebra da Bolsa de Valores, em 1929). No auge de seu funcionamento, sua produção de óleo de soja e mamona teve importância em âmbito nacional, chegando a ter 1500 funcionários.

A movimentação em torno da indústria era intensa e o desenvolvimento da cidade estava diretamente vinculado às suas atividades. O número de caminhões que aportavam em Bariri era grande e os últimos anos de funcionamento da Cia. Estrada de Ferro Douradense (desativada em 1966) foi dedicada ao transporte de sua produção. A economia da cidade era dependente da Resegue, que contribuía com metade do ICMS total recolhido em Bariri.

Entretanto, em 1986, após um período de crise, a Resegue entrou em concordata e encerrou suas atividades. Para a cidade restou à agricultura como principal fonte de geração de emprego e renda e desde então, os enormes galpões e silos, implantados em uma área de aproximadamente 232.000m², permanecem abandonados. Nesse período, Bariri cresceu a ponto de abraçar o terreno da antiga indústria, ou seja, existe hoje na cidade uma grande área abandonada, totalmente envolta pela sua malha urbana.

A forte relação que a cidade mantinha com a fábrica durante seu funcionamento se perdeu com a sua desativação e hoje, após 25 anos de abandono, a imagem que ficou das instalações remanescentes é a de um fantasma, uma lembrança de uma época próspera da cidade que não existe mais. (SITE: Cargo Collective, 2017)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tem como objetivo a divulgação da história da cidade de Bariri no início do século XX, e o seu desenvolvimento econômico neste período áureo da produção cafeeira, quando Bariri carinhosamente é denominada como a “Milionária do Vale do Tietê”, graças ao seu grande desenvolvimento econômico e urbano.

A história do Ciclo de Ouro do café em Bariri é o primeiro momento de sucesso econômico da cidade, este sucesso econômico beneficiado pelo café, é tamanho que pudesse observar desde os números de habitantes na zona rural neste período de 1910 a 1930, contando em 1927 com 27.642 mil habitantes, sendo apenas na zona urbana com pouco mais de 20 mil.

Com uma produção tão alta, como se tinha neste período, era necessária uma forma melhor de escoar essa produção, de forma mais rápida, foi em 1910, com uma festa grandiosa e recebida com muitas bombas e festejos, que se inaugura a linha da Companhia Paulista de Ferrovia Douradense, que vem para agilizar o transporte de toda a produção cafeeira de Bariri.

Com a Quebra da Bolsa de Valores, em 1929, Bariri foi afetada em cheio e muitos de seus produtores de café quebraram junto. No artigo em questão, há relato de um de desses fazendeiros baririenses, como em seu próprio livro diz, “sendo um dos homens mais ricos de Bariri”, dono da maior propriedade produtora de café e que mais pagou impostos á cidade.

Passado algum tempo, em 1947 inaugura-se em Bariri, uma das maiores indústrias que a cidade já teve ao longo da sua história, a Indústria de Óleos Vegetais Resegue, situada no centro da cidade, produtora de óleo e torta de mamona, óleos comestíveis de amendoim, algodão e soja, gorduras vegetais, margarina, sabões e outros derivados de óleo de óleo de mamona. Está se torna a maior indústria de óleos vegetais da América Latina, sendo que maior parte da sua produção era exportada para os Estados Unidos e a antiga União Soviética, atual Rússia, pois por esses países terem um inverno muito rigoroso, precisava de algo que não congelasse daí a importância do óleo de mamona baririense.

Além de manter diretamente 150 empregos diretos, muitos outros surgem vindo de encontro com a demanda que a indústria Resegue atraía, como hotelaria, supermercados, farmácia e muitos outros. A cidade desenvolvia muito rapidamente nesta época, pois a indústria Resegue gerava muitos impostos á prefeitura municipal. Tudo ia muito bem até que devido a dívidas á indústria vai a falência em 1989, deixando inúmeros desempregados, e toda população saudosista de uma época em que a economia baririense era uma das melhores da região.

BARIRI: THE 20TH CENTURY *MILLIONAIRE CITY OF THE VALE* AND ITS ECONOMIC DEVELOPMENT.

ABSTRACT

This study aims to make the reader understand the rich history of Bariri in the twentieth century, the golden moment of coffee production and other economic activities that drove the development of the city. In order to understand this period, it was necessary to research books written by local authors and interviews with people who are truly passionate about the theme, and who, in some way, whether by their parents or by knowing someone close to the coffee production, is a person with notorious knowledge of the city of Bariri in

the twentieth century. The results are of great importance because the historical reports about the city and the support for the writing of this article show how much the Bariri citizens love this city and how they would like its history to be valued. The periods of 1920s, 1930s, 1940s, and 1950s describe how the economy developed in this city through the commerce and the industries that were settled in the city over the decades, and much more.

Keywords: Coffee. Bariri. Railroad.

REFERÊNCIAS

Livros:

- FALEIROS, Rogério Naques. **Fronteiras do café: Fazendeiros e "colonos" no interior paulista (1917-1937)**. Bauru-Sp: EDUSC, 2010. 340-351 p.
- MARTINS, Nelson Silveira. **Bariri (um pedaço de céu destacado do arco-íris)**. São Paulo: 1940. 238 p.
- MAZOTI, Dirceu. **O imigrante italiano em Bariri de 1889 a 1920**. Dissertação de Mestrado – UNESP Campus de Assis, 1990.
- MELLO, João Batista. **Bariri e sua História**. São Paulo: Liter Arte, 1987.
- NETTO, Eugênio Gatto. **Histórias de Bariri**. São Paulo: Coletta, 1993.
- PINHEIRO, Geraldo. **A primeira viagem: (Crônica Biográfica)**. Campinas: IDB, 2009.
- SALOMÃO, Adib Moysés. **Cousas, fatos e tipos de Bariri**. Bariri: Continua, 1971.
- ZANOTTI, Elísio Francisco. **Bariri: O café e a República**. São Carlos: Jaburu, 1988.

Depoimentos Oraís:

CAVA José Augusto Barboza. Depoimento ao autor em 15 Maio. 2017 e 07 de Novembro de 2017.

Sites:

DOS RETRATOS DA CIDADE À INTERVENÇÃO URBANA: PAISAGEM E PATRIMONIO EM BARIRI. Cargo collective. Disponível em: <<http://cargocollective.com/parqueresegue/a-industria-resegue-de-oleos-vegetais>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

MUNICÍPIO DE BARIRI. Nossa cidade. Disponível em: <<https://www.bariri.sp.gov.br/portal/cidade/13/história>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

Imagens:

Arquivo pessoal de:

José Augusto Barboza Cava

Jornais:

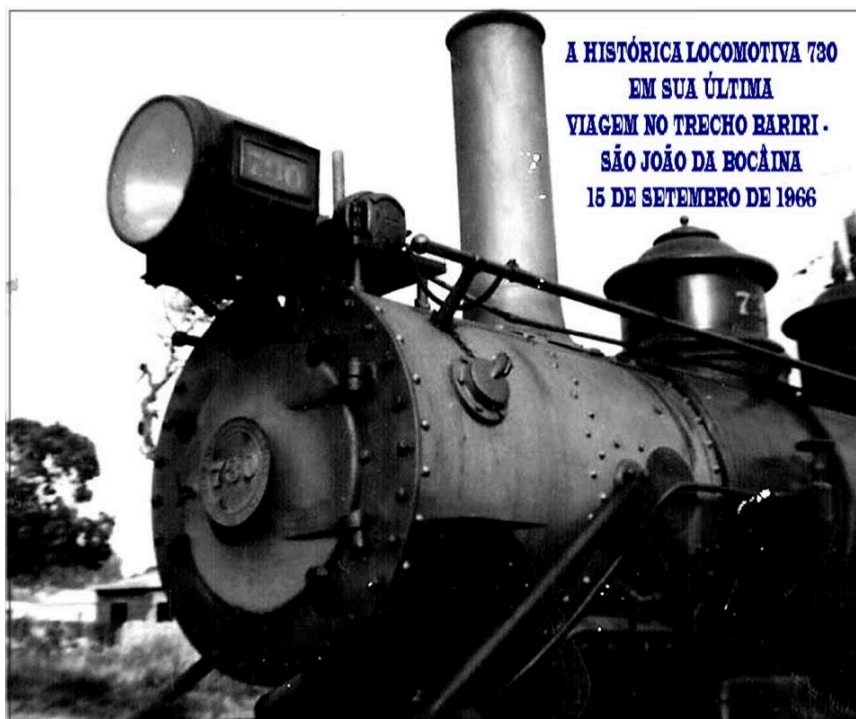
- Comarca de Bariry**, 9 de agosto de 1911.
- Comarca de Bariry**, 1 de outubro de 1911.
- Comarca de Bariry**, 2 de setembro de 1911.
- A cidade de Bariry**, 2 de setembro de 1917.
- O popular**, 12 de julho de 1914.

Folheto:

INDÚSTRIA RESEGUE DE ÓLEOS VEGETAIS S.A, a brazilian of intenacional reputation. Bariri, Editora Ática, 1985.

ANEXOS

Imagem 1 - Locomotiva 730 em sua última viagem



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 2 - Foto que retrata a inauguração da Estação Ferroviária Douradense em Bariri, por volta do ano de 1910.



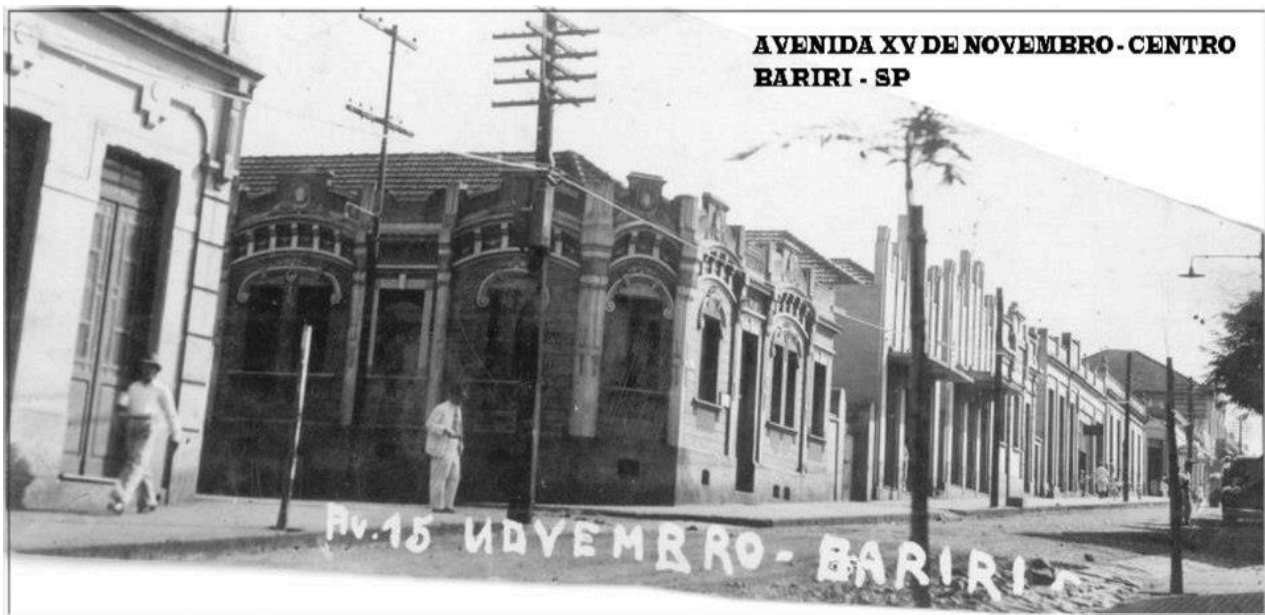
Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 3 - Um dos vagões da Companhia Paulista Douradense de Bariri, no século XX.



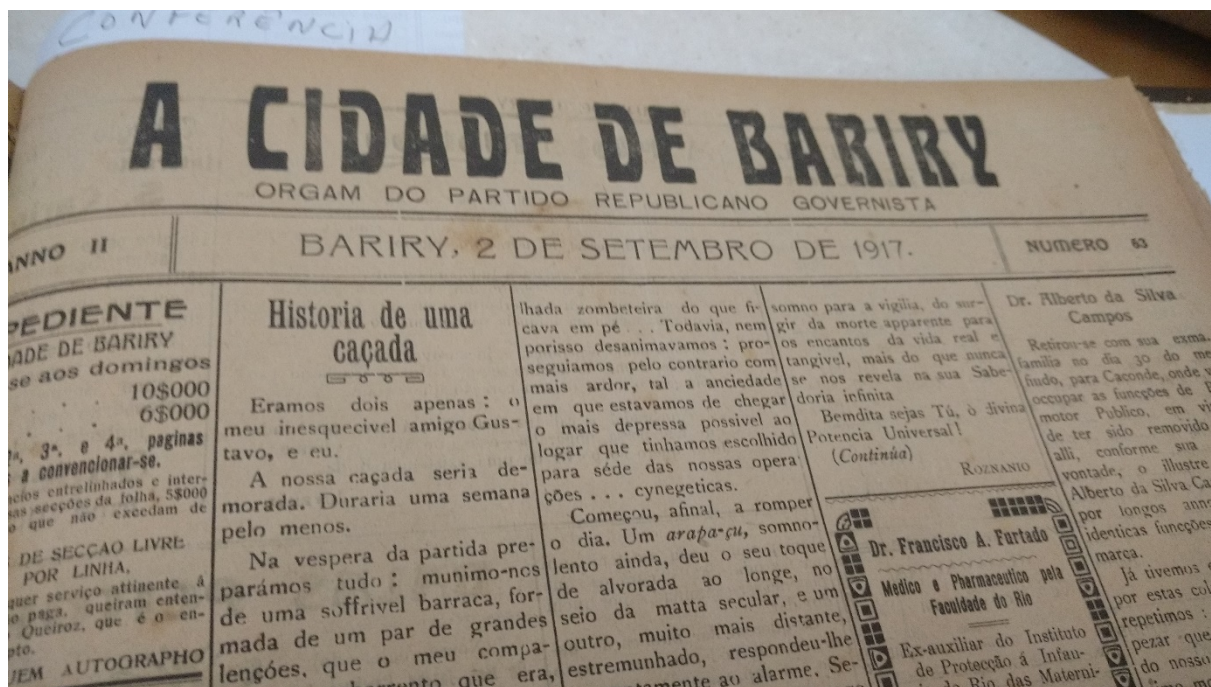
Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 4 - Imagem que retrata a antiga Prefeitura Municipal de Bariri na década de 1930. Atualmente situa-se o Setor de Educação da cidade.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 5 - Jornal "A Cidade de Bariry", de 2 de Setembro de 1917.



Fonte: Acervo pessoal do Sr. José Augusto Barboza Cava.

Imagem 6 - Fragmento do periódico: “O Popular, de 12 de Julho de 1914”.



Fonte: Acervo pessoal do Sr. José Augusto Barboza Cava.